

# Jekyll e Hyde: a relação de opostos na psique

*Jekyll and Hyde: the relation of opposites in the psyche*

Felipe Lessa Silva

Psicanalista clínico, Brasil.

PUBLICADO 20 DEZ 2024

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

## RESUMO

Publicada em 1886, a novela *O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson, antecede em mais de uma década a constituição da psicanálise e, ainda assim, formula com rara precisão o problema da divisão do sujeito. Este artigo examina a narrativa de Stevenson como modelo literário da cisão psíquica, confrontando-a com três linhagens teóricas: a freudiana, centrada no recalque, no infamiliar e na pulsão de morte; a junguiana, centrada na sombra, na persona e na individuação; e a kleiniana, centrada na cisão de objeto e na posição esquizoparanoide. O procedimento é o de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual. Argumenta-se que o destino de Jekyll não decorre da existência de uma parte má, mas da tentativa de resolver a ambivalência por separação em vez de integração, e que a autonomia progressiva de Hyde figura com exatidão o que a clínica descreve como retorno do recalcado. Conclui-se que organizar a vida psíquica em duas correntes mutuamente exclusivas, negligenciando uma delas, não suprime o conflito: desloca-o para formas de expressão cada vez menos governáveis.

**Palavras-chave:** cisão psíquica; infamiliar; sombra; posição esquizoparanoide; literatura e psicanálise.

## ABSTRACT

Published in 1886, Robert Louis Stevenson's *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* precedes the constitution of psychoanalysis by more than a decade and nonetheless formulates with rare precision the problem of the divided subject. This article examines Stevenson's narrative as a literary model of psychic splitting, confronting it with three theoretical lineages: the Freudian, centred on repression, the uncanny and the death drive; the Jungian, centred on the shadow, the persona and individuation; and the Kleinian, centred on object splitting and the paranoid-schizoid position. The procedure is that of a narrative literature review of a theoretical-conceptual nature. It is argued that Jekyll's fate does not follow from the existence of an evil part, but from the attempt to resolve ambivalence by separation rather than integration, and that Hyde's progressive autonomy accurately figures what clinical work describes as the return of the repressed. It is concluded that organising psychic life into two mutually exclusive currents, neglecting one of them, does not suppress conflict: it displaces it into increasingly ungovernable forms of expression.

**Keywords:** psychic splitting; the uncanny; shadow; paranoid-schizoid position; literature and psychoanalysis.

## 1 Introdução

A suposição de que o ser humano é habitado por instâncias em conflito antecede em muito a psicanálise. Quase todas as culturas formularam alguma doutrina da alma e, com variações consideráveis de estrutura e finalidade, atribuíram-lhe a função de governar a conduta. O que distingue o pensamento psicanalítico dessas formulações anteriores não é, portanto, a tese da divisão interna, mas a hipótese de que uma das partes em litígio é inacessível à consciência e, não obstante, eficaz.

Essa hipótese não nasceu de especulação. Nasceu da clínica das afecções que o século XIX reuniu sob o nome de histeria, nas quais o que se observava era precisamente uma cisão do campo da consciência, acompanhada de sintomas corporais sem substrato lesional demonstrável. Freud, formado em neurologia, interessou-se menos pela classificação do quadro do que pelos motivos da divisão, e passou a concebê-la como operação defensiva: o eu afasta de si um representante pulsional incompatível com suas exigências morais, preservando a coerência da personalidade consciente ao preço de uma perda de domínio sobre a parte afastada (Breuer; Freud, 1996). O que a nosologia da época chamava de personalidade múltipla — hoje redescrito como transtorno dissociativo de identidade — oferecia a versão extrema de um mecanismo que Freud viria a considerar geral.

Alguns anos antes dessas elaborações, em 1886, Robert Louis Stevenson publicou uma novela que encena esse mesmo mecanismo com economia notável. *O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* narra a tentativa deliberada de um médico respeitado de separar quimicamente as duas correntes que reconhecia em si — a que aspirava ao bem e a que aspirava ao gozo — de modo que cada uma pudesse seguir suas inclinações sem o constrangimento da outra. O desfecho do experimento é conhecido: a parte expulsa não permanece subordinada, ganha autonomia crescente e termina por ocupar o lugar de onde fora banida.

A anterioridade cronológica da novela em relação à psicanálise não é acidente a ser contornado, mas dado a ser interpretado. Freud sustentou reiteradamente que a criação artística oferece, em forma sensível, um saber sobre a vida psíquica que a teoria só alcançaria depois e por outras vias. A leitura aqui proposta parte desse pressuposto: não se trata de aplicar conceitos a uma obra literária como quem submete um paciente a um diagnóstico, e sim de reconhecer na construção de Stevenson uma formulação do problema da ambivalência que a teoria posterior viria a desdobrar.

O objetivo deste artigo é, pois, examinar a narrativa de Stevenson como modelo da cisão psíquica, confrontando-a com três linhagens que trataram do tema a partir de pressupostos distintos — a freudiana, a junguiana e a kleiniana —, e sustentar que o caráter destrutivo do desfecho não decorre da existência de uma parte má, mas do modo como Jekyll tenta resolver a ambivalência: por separação, e não por integração.

## 2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual, sem pretensão de exaustividade sistemática. O corpus primário é duplo. De um lado, o texto literário de Stevenson, tomado na edição brasileira indicada nas referências e lido integralmente antes da análise. De outro, os textos em que os conceitos mobilizados recebem formulação sistemática: em Freud, *A interpretação dos sonhos* (1900), *A repressão* (1915), *Luto e melancolia* (1917), *O inquietante* (1919), *Além do princípio do prazer* (1920) e *O eu e o id* (1923); em Jung, os escritos sobre persona, sombra e individuação reunidos na obra completa; em Klein, os trabalhos sobre cisão de objeto e posições reunidos nos volumes de 1921-1945 e 1946-1963.

O critério de inclusão foi a pertinência direta ao problema da divisão psíquica e da ambivalência, com prioridade para formulações de primeira mão. Excluíram-se desenvolvimentos pós-kleinianos e lacanianos, não por irrelevância, mas por exigirem aparato conceitual que extrapolaria a extensão deste trabalho. A articulação entre as três linhagens é deliberadamente comparativa, e não sincrética: sustenta-se que descrevem o mesmo fenômeno observável a partir de modelos metapsicológicos incompatíveis entre si em pontos decisivos, e o texto procura assinalar esses pontos em vez de dissimulá-los.

## 3 O infamiliar e a dupla inscrição do familiar

A novela abre com um passeio. O advogado Gabriel Utterson e seu parente Richard Enfield caminham pela cidade e detêm-se diante de uma porta de aspecto negligenciado, a propósito da qual Enfield relata um episódio: um homem de presença desagradável atropelou uma menina, passou-lhe por cima sem demonstrar remorso e, interpelado, indenizou a família com um cheque assinado por terceiro. O que mais impressiona o narrador, contudo, não é a brutalidade do ato, mas a impossibilidade de descrever o que havia de repulsivo naquele homem. Nada em sua fisionomia justificava o efeito; e, no entanto, o efeito era unânime.

Esse ponto — a repulsa intensa sem causa atribuível — organiza toda a primeira parte do livro e corresponde com precisão ao fenômeno que Freud (2010a) investigou em *O inquietante*. Partindo da ambiguidade semântica do par *heimlich/unheimlich*, em que o termo que designa o familiar e o doméstico desliza para o sentido do oculto e do dissimulado, Freud propõe que o efeito de inquietação

não decorre do encontro com o inteiramente novo, mas com algo há muito conhecido e recalcado, que retorna sob forma irreconhecível. O infamiliar é, nessa acepção, o familiar que perdeu o direito de ser reconhecido como tal.

Daí que o inquietante se produza com especial facilidade diante de objetos de estatuto indeterminado — a boneca excessivamente realista, o autômato, o duplo —, nos quais a oposição entre animado e inanimado deixa de operar. Hyde pertence a essa classe. Sua deformidade não é descritível porque não é anatômica: o que nele se percebe pertence ao observador, que não o reconhece como seu. A repulsa unânime indica, assim, menos uma propriedade do objeto do que uma operação de projeção.

### 3.1 Projeção e prova de realidade

A hipótese da projeção articula-se a outra tese freudiana, formulada no contexto da teoria do luto. Em *Luto e melancolia*, Freud (2010b) atribui ao eu a função de prova de realidade, pela qual se distingue o que pertence ao mundo interno do que pertence ao mundo externo e se verifica, no trabalho do luto, que o objeto amado efetivamente não mais existe. Trata-se de função custosa, que exige dispêndio e que opera de modo desigual.

A articulação entre as duas teses produz uma consequência que merece registro. Se conteúdos submetidos a recalque intenso podem retornar figurados em objetos do mundo externo, e se é ao eu que cabe discriminar a origem de suas representações, então o retorno do recalcado por via projetiva perturba o próprio mecanismo encarregado de identificá-lo. O sujeito percebe como propriedade do mundo o que é produção sua, e fantasias e desejos encontram, no exterior, realizações aparentes. A sensação de impotência e de descontrole de si que acompanha esses estados é o índice subjetivo de que a fronteira entre interno e externo deixou de ser confiável — exatamente o estado em que Utterson se encontra ao longo da investigação.

## 4 A sombra e a persona: a leitura da psicologia analítica

Perturbado pelo testamento em que Jekyll lega seus bens a um desconhecido, Utterson passa noites povoadas por imagens em que o estranho assume feição animal, saltando telhados e invadindo cômodos. A escolha da figuração é significativa e encontra na psicologia analítica um quadro de leitura próprio.

Jung observou que, em ritos de povos diversos, a dança religiosa imita movimentos de animais tidos como irmãos, ancestrais ou divindades, e que não é raro que uma

porção da alma seja concebida como partilhada com um animal determinado, de cuja perda resultaria um quadro que a psicologia de sua época designava como dissociação (Jung, 2016). A observação converge, por caminho distinto, com a tese freudiana de *Totem e tabu*, que articula o animal totêmico à figura do pai da horda primitiva e às formações que viriam a constituir o supereu (Freud, 2012).

O conceito que organiza essa região da teoria junguiana é o de sombra: o conjunto das disposições que o sujeito recusa e que, por isso mesmo, não reconhece como suas, operando com autonomia considerável (Jung, 2023). A sobreposição com a tese freudiana do infamiliar é parcial mas real — em ambos os casos trata-se de material subtraído ao reconhecimento que retorna atribuído a outrem. A divergência está no estatuto que se confere a esse material: para Freud, conteúdo recalcado de história individual; para Jung, disposição em parte herdada, de fundo arquetípico. Os sonhos de Utterson, nessa chave, figuram sua própria sombra sob forma teriomórfica, e o desconhecimento a respeito de Hyde é justamente o que oferece à projeção uma superfície disponível.

### 4.1 Persona, despersonalização e individuação

O contraponto da sombra, na economia conceitual junguiana, é a persona. Tomando o termo da máscara do teatro romano, Jung (2015) designa com ele a configuração que o sujeito apresenta ao meio social — resultado de uma transação entre o que julga ser, o que precisa ser e o que deseja ser, toda ela atravessada por determinações de que não dispõe. A persona não é patológica: é condição da vida em sociedade, e sua função só se compromete quando o sujeito deixa de reconhecê-la como construção sua e passa a identificar-se integralmente com ela.

As consequências dessa identificação são de dois tipos. De um lado, uma rigidez que o ambiente contradiz continuamente, produzindo alternâncias bruscas de conduta e atos incompatíveis com o ideal sustentado. De outro, e mais gravemente, um aprofundamento do recalque que pode desembocar em despersonalização — a experiência de assistir à própria vida em vez de vivê-la, que descreve com exatidão o estado de alguém cuja parte efetivamente ativa foi atribuída a outro. A tese correlata, formulada por Winnicott (1983) em outro vocabulário, é a do falso self que se organiza por submissão e priva o verdadeiro self de qualquer expressão.

O recurso que Jung opõe a esse destino é a individuação: processo de integração entre consciente e inconsciente

que supõe o reconhecimento dos componentes psíquicos recusados, e não sua anexação forçada. Henry Jekyll, convém notar, empreende exatamente o movimento inverso. Não procura integrar o que recusa, mas dotá-lo de existência separada.

### 5 Cisão de objeto e ambivalência: a leitura kleiniana

Há, na narrativa, um elemento que nem a teoria do recalque nem a da sombra esgotam: a qualidade absoluta das posições. Hyde não é moralmente ambíguo, é integralmente mau; Jekyll, até o colapso, é integralmente respeitável. Essa polarização sem gradações aproxima o texto do campo descrito por Melanie Klein.

Klein (1996) propõe que a vida psíquica se inaugura em uma relação com objetos parciais, dos quais o primeiro é o seio materno. Quando satisfaz, esse objeto é introjetado como bom e protetor; quando frustra, é fantasiado como mau e torna-se alvo de ataques de considerável violência imaginária. Como o eu incipiente ainda não se distingue nitidamente do ambiente, a agressão dirigida ao objeto mau é vivida como ameaça de retaliação: é a ansiedade persecutória que define a posição esquizoparanoide. A cisão das imagos em boa e má não é, nesse momento, defesa acessória, mas a primeira solução disponível para a ambivalência.

A passagem à posição depressiva ocorre quando o lactente reconhece que o objeto bom e o objeto mau são o mesmo, e que foi ele quem o atacou. Emergem então a culpa e a necessidade de reparação, bem como um supereu primitivo de severidade desproporcional, formado pelos objetos internalizados (Klein, 1991). Em condições suficientemente favoráveis, essa travessia se completa, sem que isso signifique que a cisão deixe de estar disponível como recurso diante de conflitos ulteriores.

Para Klein, a guerra entre objetos bons e maus, internos e externos, constitui o modelo elementar do dualismo pulsio-

nal. A pulsão de morte, que Freud (2010c) formulara em *Além do princípio do prazer* como tendência ao retorno ao estado inorgânico — e cuja neutralização pela ligação com a pulsão de vida ele descreveu com o termo tomado a Barbara Low, princípio de nirvana (Freud, 2011) —, deixa de ser, em Klein, postulado especulativo e passa a ser diretamente observável na ansiedade persecutória dos primeiros meses. É nessa chave que se pode ler o desgosto pela vida que Utterson confessa sentir sempre que pensa em Hyde: não repulsa moral, mas contato com algo que atenta contra a própria ligação com o vivo.

### 6 A narrativa como modelo de cisão malograda

A segunda metade do livro é a crônica de um fracasso. Hyde assassina um parlamentar com uma bengala que fora presente de Utterson a Jekyll; descobre-se que a caligrafia dos dois homens é idêntica; o médico alterna períodos de reclusão e de notável vitalidade social; o dr. Lanyon, após presenciar a transformação, morre em poucas semanas. No relato final, Jekyll expõe a lógica do experimento: incapaz de conciliar ideais e desejos, e submetido a autocrítica severa, concebeu que a separação fisiológica das duas correntes permitiria a cada uma seguir suas aspirações sem o sofrimento imposto pela outra.

O que a narrativa demonstra é a falência dessa lógica. A liberdade de Hyde não é estável: exige doses crescentes da substância, suas maldades se agravam e, sobretudo, as transformações passam a ocorrer sem comando — Jekyll adormece como si mesmo e desperta como o outro. A parte a que se concedeu existência autônoma não permanece no lugar que lhe foi designado; reivindica progressivamente o conjunto. A fórmula clínica correspondente é direta: o recalque não elimina o representante pulsional, apenas lhe retira o direito à consciência, e o que retorna o faz tanto mais imperiosamente quanto mais radical tiver sido a exclusão (Freud, 1996b; Laplanche; Pontalis, 2001).

| ELEMENTO DA NARRATIVA              | LEITURA FREUDIANA                        | LEITURA JUNGUIANA                    | LEITURA KLEINIANA                   |
|------------------------------------|------------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|
| <b>Repulsa unânime por Hyde</b>    | Familiar: retorno projetivo do recalcado | Sombra atribuída a figura externa    | Objeto mau cindido e persecutório   |
| <b>Sonhos animais de Utterson</b>  | Figuração disfarçada do desejo recusado  | Sombra sob forma teriomórfica        | Fantasia de ataque e retaliação     |
| <b>Respeitabilidade de Jekyll</b>  | Ideal do eu sustentado por recalque      | Identificação integral com a persona | Preservação defensiva do objeto bom |
| <b>Autonomia crescente de Hyde</b> | Falência do recalque; retorno imperioso  | Inflação de complexo autônomo        | Objeto mau interno sem reparação    |
| <b>Desfecho suicida</b>            | Pulsão de morte sem ligação libidinal    | Individuação malograda               | Angústia depressiva não elaborada   |

**Tabela 1** — Correspondência entre elementos da narrativa de Stevenson e as três linhagens conceituais examinadas. As colunas registram leituras concorrentes do mesmo elemento, e não etapas complementares de uma única interpretação.

A tabela torna visível um ponto que a exposição sucessiva tende a obscurecer: as três leituras não se somam. Divergem quanto à origem do material cindido, quanto ao estatuto da agressividade e quanto ao que se deva entender por cura. O que partilham é a tese negativa de que a separação não resolve a ambivalência — e é essa tese, não uma síntese teórica, que a narrativa de Stevenson sustenta.

## 7 O que o modelo literário permite e o que não permite

Resta precisar o estatuto do procedimento adotado. Ler uma novela com conceitos clínicos não produz evidência sobre o funcionamento psíquico de ninguém. Jekyll não é um paciente, e nada no texto de Stevenson foi obtido em condições que autorizem inferência clínica. O que a ficção oferece é outra coisa, e não menor: um modelo em que uma operação psíquica aparece isolada de todo ruído, levada às últimas consequências e observável em sua lógica interna.

É precisamente essa artificialidade que dá à literatura seu valor heurístico. Numa análise, a cisão nunca se apresenta tão nítida: vem misturada a defesas de outra ordem, a circunstâncias da vida, a aquilo que o analisando pode e não pode dizer. Na novela, a operação está depurada — Jekyll *decide* separar, e a narrativa acompanha o que decorre dessa decisão sem que nada a atenuie. O leitor vê funcionar, em estado puro, o que o clínico encontra sempre adulterado.

O risco correlato é o de inverter a direção da leitura. Quando o conceito é aplicado à obra apenas para confirmar-se nela, a literatura deixa de ser objeto e vira ilustração — e a interpretação, que deveria ser testada, é apenas repetida. Freud tinha consciência disso em seus próprios ensaios sobre arte, e o reconhecimento não o impediu de

errar: em *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, a construção inteira repousa sobre uma tradução equivocada do termo que designa a ave do sonho. O episódio é instrutivo porque mostra que o risco não é hipotético nem evitável por boa vontade.

A conclusão prática é modesta. O modelo literário serve para formular hipóteses e para dar forma comunicável a uma operação difícil de descrever em abstrato; não serve para sustentá-las. A verificação pertence a outro terreno — o da clínica, conduzida em enquadre e por quem tenha habilitação para tanto. Confundir os dois planos é o equivalente teórico do erro de Jekyll: tomar por resolvida, pela separação, uma tensão que só a articulação resolve.

## Considerações finais

Várias questões suscitadas neste percurso permanecem em aberto. A articulação entre a sombra junguiana e o recalcado freudiano exigiria um exame da controvérsia sobre o estatuto do inconsciente coletivo que não caberia aqui; e a compatibilidade entre a metapsicologia pulsional e o modelo kleiniano de relações de objeto mobiliza literatura própria. Optou-se por delimitar o essencial, assumindo o custo das omissões.

O argumento central, contudo, parece sustentar-se. A narrativa de Stevenson não é advertência contra a existência de uma parte má, e lê-la assim é reproduzir, no plano da interpretação, o erro que o texto encena. O que arruína Jekyll não é Hyde: é a decisão de tratar a ambivalência como problema de separação. Ao conceder existência autônoma ao que recusava reconhecer como seu, ele subtrai esse material a toda possibilidade de mediação — e mate-

rial sem mediação não desaparece, apenas deixa de res-ponder a comando.

Essa é também a razão pela qual as três linhagens exami-nadas, apesar de incompatíveis em pontos decisivos, con-vergem na tese negativa. Seja como retorno do recalcado, como inflação de complexo autônomo ou como persistên-cia da cisão de objeto, descreve-se sempre o mesmo desti-no: o que não é reconhecido como próprio não se cala, apenas muda de língua. A pertinência clínica da observa-ção excede o comentário literário, pois o que a prática en-contra cotidianamente não são sujeitos divididos entre bem e mal, mas sujeitos que organizaram a própria vida psíquica segundo esse esquema e pagam pela operação. O trabalho analítico não consiste em eliminar uma das cor-rentes, e sim em restituir ao sujeito a possibilidade de re-conhecer-se em ambas — condição, afinal, para que a vida que ele acredita conduzir seja efetivamente sua.

## Declarações

**Conflito de interesses.** O autor declara não haver conflito de interes-ses.

**Financiamento.** A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

**Uso de inteligência artificial.** Não foi utilizada inteligência artificial generativa na concepção, na redação ou na análise do conteúdo des-te artigo.

**Disponibilidade de dados.** Não se aplica: trata-se de revisão de lite-ratura, sem produção de dados primários. O artigo não apresenta material clínico nem relato de caso.

**Nota editorial.** Este artigo integra o acervo reorganizado dos volu-mes 1 a 3 da Interapia. O texto foi editorialmente adequado às nor-mas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

## Referências

BREUER, J.; FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Edição standard brasilei-ra das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 4-5. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. *A repressão* (1915). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 147-162.

FREUD, S. *O inconsciente* (1915). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janei-ro: Imago, 1996c. p. 165-222.

FREUD, S. *O inquietante* (1919). In: *Obras completas*, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 328-376.

FREUD, S. *Luto e melancolia* (1917 [1915]). In: *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 170-194.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920). In: *Obras completas*, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 161-239.

FREUD, S. *O eu e o id* (1923). In: *Obras completas*, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74.

FREUD, S. *Totem e tabu* (1912-1913). In: *Obras completas*, v. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 13-244.

JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Obras completas, v. 7/2).

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Harper-Collins, 2016.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2023. (Obras completas, v. 9/1).

JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 2013. (Obras com-pletas, v. 8/2).

KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas de Melanie Klein, v. 1).

KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Rio de Ja-neiro: Imago, 1991. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro & outras histórias*. São Paulo: Excelsior, 2021.

WINNICOTT, D. W. *Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self* (1960). In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Ale-gre: Artes Médicas, 1983. p. 128-139.

COMO CITAR

SILVA, F. L. Jekyll e Hyde: a relação de opostos na psique.  
*Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 2,  
n. 1, p. 12-18, 2024.

LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os  
direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira  
publicação.